
AS REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS EXISTENTES NO TEXTO “PAULO FREIRE: A LEITURA DO MUNDO” ESCRITO POR FREI BETTO”

Isael da Silva Sousa (UFPI)
isaelcefa@gmail.com

Maria Thaís Monte da Silva (UFPI)
mariathaismonte@hotmail.com

Resumo: Considerando o discurso a linguagem em ação, compreendemos que os sentidos contidos em um texto são historicamente determinados, isto é, o discurso e suas significações poderão ser entendidos somente se levarmos em conta as questões históricas, culturais, sociais e ideológicas. O objetivo geral desse estudo é localizar as representações discursivas existentes no texto de Frei Betto intitulado: “Paulo Freire: a leitura do mundo”. O respaldo teórico abrange a teoria da análise do discurso na perspectiva de Guimarães (2012), Mari. H (2001), Bentes (2003), bem como outros autores que estudam a linguagem por esse mesmo viés. O objeto das análises compreende o texto “Paulo Freire: a leitura do mundo”, escrito por Frei Betto e publicado no Jornal Folha de São Paulo em 03 de Maio de 1987, um dia após a morte de Paulo Freire. Inicialmente realizamos uma leitura prévia do texto e logo após fizemos identificação dos sentidos linguísticos e discursivos presentes no texto, bem como as relações de intertextualidade e interdiscursividade; em seguida localizamos os operadores de intertextualidade e interdiscursividade e observamos os tipos de discursos presentes no decorrer do texto; e por fim, analisamos e identificamos as representações discursivas contidas no texto. Resultados evidenciam que Paulo Freire é apresentado como grande professor e revolucionário do sistema educacional e dessa forma ele é representado discursivamente como homem com uma visão além da sua época, um mestre ético, sábio, e inovador.

Palavras-chave: Representação discursiva. Análise do discurso. Discurso.

1 Introdução

Esta análise é uma reflexão sobre as representações discursivas que se constroem nos textos; é relevante porque nos leva a observar e refletir sobre as intenções que os autores têm ao produzir um texto, bem como a representação discursiva que se manifesta por meio das entrelinhas.

O texto escolhido para a análise, “Paulo Freire: a leitura do mundo”, tem como autor Frei Betto e foi publicado no jornal Folha de São Paulo em 3 de maio de 1997, ou seja, um dia após a morte de Paulo Freire. Buscamos por meio de uma pesquisa bibliográfica investigar as representações discursivas de Paulo Freire no texto citado, para tanto, foi necessário inicialmente a localização dos sentidos linguísticos e

discursivos no texto, posteriormente identificamos os tipos de discursos existente e de que formas são construídos.

Este estudo está inserido no âmbito da Linguística Textual por meio da qual o texto é considerado não como produto com sentido pronto, entretanto, como um processo através do qual o sentido é construído e isto vai depender de fatores como intertextualidade e interdiscursividade.

De acordo com Guimarães (2012), “é segundo a proposta da linguística textual que se faz pertinente à identificação do texto como documento, no qual se inscrevem as múltiplas possibilidades do discurso”. Por esse viés entendemos o texto como uma produção formal que resulta de escolhas e articulação feitas pelo produtor do texto, já o discurso pode ser entendido como sendo o mesmo texto, porém, na medida em que seu analista investiga as intenções não explicitadas, isto é, as ideologias que motiva o autor na produção do texto.

Este trabalho está organizado em três seções: na primeira, apresentaremos uma singela explanação da linguística textual e seu percurso histórico; na segunda, discutiremos sobre a construção de sentido no texto; e por fim, a última seção se trata da análise do texto, na qual discutiremos sobre as representações discursiva de Paulo Freire, mostrando os tipos de discursos e as relações de sentidos presentes no texto, bem como os sentidos linguísticos e discursivos, além dos mecanismos operados de intertextualidade e interdiscursividade.

2 A linguística textual e seu percurso histórico

A Linguística de maneira geral consiste em uma ciência que tem como objeto de estudo a língua, e Saussure, linguista suíço, foi o responsável pela sistematização dos estudos linguísticos, o que pode ser evidenciado através do livro *Curso de Linguística Geral*, que consiste em um apanhado de três cursos que ele havia ministrado no âmbito da cadeira de linguística na Universidade de Genebra e que Charles Bally e Albert Sechehaye, seus discípulos, publicaram em 1916, isto é, três anos depois da sua morte.

As ideias de Saussure foram um divisor de águas nos estudos linguísticos, tendo em vista que tornaram a linguística, de fato, uma ciência ao delimitar seu objeto de estudo, que como já dissemos é a língua; no decorrer dos anos os estudos linguísticos

vem se desenvolvendo e atualmente a linguística como ciência possui diversos campos de estudos como a Sociolinguística, Psicolinguística, Pragmática, Linguística Enunciativa, Linguística Textual, Análise do discurso entre outros; iremos trabalhar neste estudo a perspectiva teórica da Linguística Textual que estuda os fenômenos ligados à construção de sentido no texto, bem como considera o texto como um processo e não como algo pronto e imutável. Sobre a linguística textual Marcuschi (1983) afirma o seguinte:

A linguística textual trata o texto como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas. Por um lado deve preservar a organização linear que é o tratamento estritamente linguístico abordado nos aspectos da coesão e, por outro, deve considerar a organização reticulada ou tentacular, não linear, portanto, dos níveis de sentido e intenções que realiza a coerência nos aspectos semânticos e funções pragmáticas (p. 12 e 13).

Por esse viés o sentido do texto é construído, isto é, como o próprio nome sugere é por meio da sua textura que se entende o seu sentido, no entanto, para se chegar a esse entendimento existiram algumas teorias que antecederam a Linguística Textual, podemos citar, por exemplo: a análise transfrástica que parte da frase para o texto e considerava-o como um produto pronto. Em seguida surgem as gramáticas textuais que tinham como objetivo descrever os fenômenos relacionados aos enunciados, intrinsecamente aos pronomes e conjunções, bem como a relação de sentido entre outros.

Os autores das gramáticas textuais acreditavam que todo falante nativo possuía competências textuais, que podem ser divididas em três capacidades, a primeira seria a competência criativa, que consiste na capacidade de produzir e compreender novos enunciados; a segunda se refere à competência transformativa, através da qual os falantes possuem a capacidade de parafrasear, transformar e resumir enunciados; e por fim, a competência avaliativa, que consiste na capacidade que os falantes tem de tipificar um determinado texto em argumentativo, narrativo, descritivo entre outros.

É válido ressaltar que as gramáticas textuais possuem sua gênese, isto é, sua origem ligada à gramática gerativa, pois de acordo Chomsky todos os seres humanos possuem um dispositivo de aquisição de linguagem, em outras palavras, uma gramática internalizada. No entanto, as gramáticas textuais não obtiveram muito

êxito, tendo em vista que não davam conta de descrever todos os fenômenos relacionados à produção de enunciados dos falantes.

Koch (2000), resumi as teorias que antecederam a Linguística Textual da seguinte forma: “no primeiro momento temos a unidade linguística (do sistema) superior à frase; no segundo, é uma sucessão ou combinação de frases; no terceiro, cadeia de pronominalizações ininterruptas; no quarto momento, temos a cadeia de isotopias (plano de sentido, leitura que se faz de uma frase ou texto), e por fim, complexos de proposições semânticas”. Neste contexto surgem as teorias do texto, visto que, a principal preocupação dos linguistas era criar teorias relacionadas ao texto, nesse período podemos notar que o conceito de texto já não estava mais ligado a algo pronto, porém a algo que possui o sentido construído e que dependendo da situação comunicativa pode haver coerência ou não.

A respeito disso Koch (2000) afirma o seguinte:

Portanto, à concepção de texto aqui apresentada subjaz o postulado básico de que o sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele, no curso da sua interação. Para ilustrar essa afirmação, tem-se recorrido com frequência à metáfora o *iceberg*: como este todo texto possui apenas uma pequena superfície exposta e uma imensa área subjacente. Para se chegar às profundezas do implícito e dele extrair um sentido, faz-se necessário o recurso a vários sistemas de conhecimento e a ativação de processos e estratégias cognitivas e interacionais (p.25).

Portanto, podemos notar por esse viés que para se compreender um determinado texto são ativados vários fatores como, intertextualidade, interdiscursividade, tipos de discursos presentes no texto, sentidos linguísticos e discursivos, bem como as estruturas sequenciais e as representações discursivas existentes no texto. Pois, todo texto constitui-se de algo de outro texto, isto é, diz algo que já foi dito anteriormente, ou trata de assuntos semelhantes; podemos citar por exemplos algumas músicas que em sua grande maioria fazem referências a poemas ou trazem em sua forma a sonoridade musical, em outras palavras, lembrar-nos de poemas que são musicalizados.

3 Construção de sentido no texto

De acordo com Guimarães (2012) “o sentido do texto/discurso organiza-se no jogo interno de dependências estruturais e nas relações com aquilo que está fora dele”, isto é, em um texto existem dois sentidos distintos, os mesmos são, respectivamente, o sentido linguístico e o sentido discursivo.

O primeiro diz respeito àquilo que está explícito na linguagem, de maneira literal e que se compreende sem ser necessário acionar outros conhecimentos, em contrapartida o sentido discursivo consiste no que está implícito no texto, ou seja, aquilo que está subentendido e que necessita de uma interpretação para que se obtenha a compreensão do que, de fato, se pretende dizer. A respeito desse assunto Guimarães (2012) ainda afirma que:

O sentido linguístico constrói uma visão certamente simbolizada (não há linguagem sem processo de simbolização referencial), mas essencialmente do mundo. Ela pode, pois operar com um signo linguístico capaz de associar o significado pleno nas relações sintagmáticas e paradigmáticas. O sentido discursivo não opera com um tipo de unidade. Certamente, o signo remete a algum significado, mas esse não pode ser visto a partir de um valor absoluto pleno e autônomo. Ele atua no discurso apenas como preposição de sentido, como um sentido potencial cuja articulação com outros signos contribui para o sentido discursivo (p.131).

Há diversos fatores importantes que contribuem para a compreensão do sentido de um texto, Beaugrande e Dressler (1981), propuseram sete princípios gerais de textualidade que consistem em: coesividade, coerência, informatividade, intencionalidade, situacionalidade, aceitabilidade bem como intertextualidade. De acordo com Koch (1997), a coesão é um fenômeno de elementos linguísticos presente na superfície textual, que estão interligados e formar uma sequência veiculada de sentido.

De maneira geral, a coesividade consiste na ligação de ideias contidas no interior do texto que se produz por meio de elos coesivos como: conjunções, preposições entre outros, ou seja, quando falamos de coesão estamos nos referido ao papel desempenhado pela gramática, intrinsecamente a sintaxe, no decorrer do texto. Entretanto não podemos falar de coesão sem nos referimos à coerência que diz respeito a ligações de ideias no exterior do texto, isto é, na estrutura externa. Imaginamos, por exemplo, um determinado texto em que o autor esteja escrevendo o primeiro parágrafo sobre os direitos humanos, e no parágrafo seguinte discorre sobre

a vida extraterrestre, por conta disso, o texto perderia a ligação de ideais externas (coerência). Nesse sentido, podemos afirmar, portanto, que um texto pode ser coerente, porém, não está coeso e vice versa.

A informatividade se refere a um texto carregado de informações novas argumentativas em defesa de um determinado assunto, isto é, diz respeito ao grau de previsibilidade de informações, quanto maior o número de informações nova menor o grau de previsibilidade do texto. É um discurso que espera do interlocutor a credibilidade e confiança acerca das informações contidas no tema discutido. No entanto o autor não pode ultrapassar o excesso de informação, pois, isso prejudica a compreensão do locutor, podendo o mesmo recusar o texto.

Segundo Koch & Travaglia (1990), “a intencionalidade refere-se ao modo como os emissores usam textos para perseguir e realizar suas intenções, produzindo, para tanto, textos adequados à obtenção”. Isto é, intencionalidade pode ser entendida aos modos como o autor usa textos para prosseguir e realizar suas intenções. Por isso o autor ao produzir um texto está convicto do objetivo que pleiteia.

A situacionalidade se refere à importância do texto em uma determinada situação comunicativa, que contribui para sua produção, bem como para sua interpretação.

Contudo a aceitabilidade é a contraparte da intencionalidade, ou seja, concorda com a ideia de que é encadeado de informações coerente e no tocante ao sentido, o receptor “calcula” o sentido a ser compreendido dentro do texto, recebendo com êxito a informação.

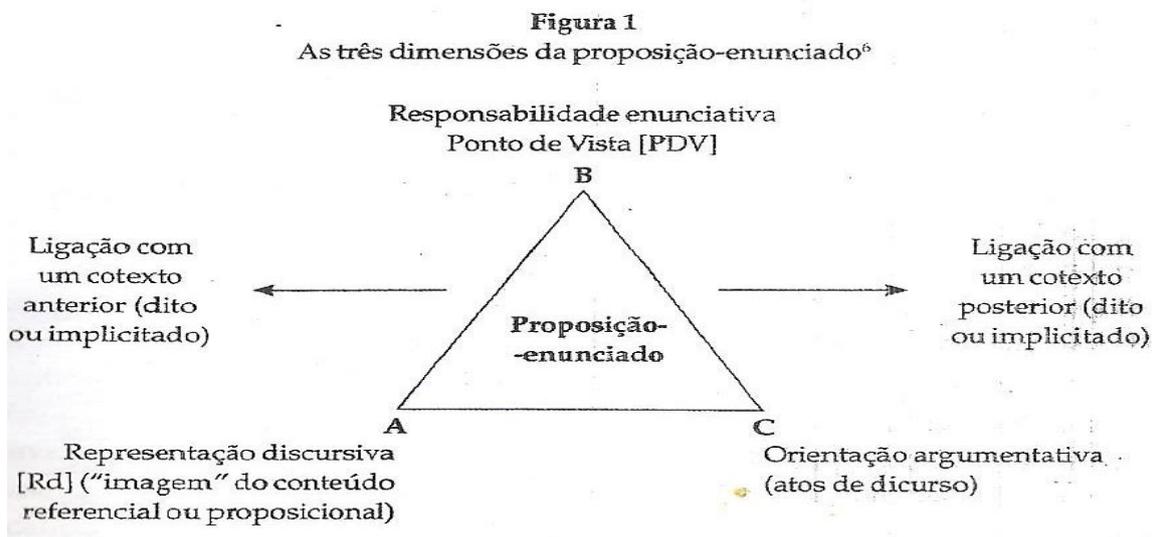
A intertextualidade consiste nos modos de produção e recepção de um texto, de acordo com Koch (1990), para o processamento cognitivo de um texto, se recorre ao conhecimento prévio de outro texto, dito outra forma, todo texto é heterogêneo na medida em que, seus conteúdos fazem parte de outros textos que lhe dão origem. Bathes (1997), afirma que:

Todo texto é um objetivo heterogêneo que revela uma relação radical de seu interior com seu exterior; e desse exterior, evidentemente, fazem parte outros textos que lhe dão origem, que predeterminam com os quais dialoga que retoma a que alude, ou a que opõe. (p. 46)

Sendo assim, intertextualidade pode ser entendida como um processo de incorporação de um texto em outro texto cujos objetivos podem ser para reproduzir o sentido incorporado ou para transformá-lo. Sendo que o estudo de cada texto mediador oferece um suporte ou esclarecimentos fundamentais não só sobre o processo de produção como também sobre o processo de recepção, ou seja, a leitura que o leitor faz de um texto.

4 As representações discursivas de Paulo Freire

Para Culioli (1997, p. 4031)¹, “toda enunciação supõe uma responsabilidade enunciativa do enunciado por um enunciador”, ou seja, quando assumimos a responsabilidade enunciativa nos tornamos a origem do enunciado, isto é, ser a fonte. Para analisarmos o texto Paulo Freire: a leitura do mundo, escrito por Frei Beto por ocasião da sua morte em 02 de Maio de 1987 focaremos de Mari (2001), bem como de Machado (2001) que apresenta a conexão entre a proposição – enunciado e os enunciados anteriores e posteriores:



Fonte: Livro *Análise do discurso: fundamentos e práticas*, dos autores Hugo Mari, Ida L. Machado e Renato Melo. UFMG, 2001.

¹ Citado por Hugo Mari e Ida Machado no livro *Análise do Discurso: fundamentos e práticas*. UFMG, 2001

Paulo Freire: a leitura do mundo (Por Frei Betto)

01 "Pedro viu a uva", ensinavam os manuais de alfabetização. Mas o professor Paulo Freire,
02 com o seu método de alfabetizar conscientizando, fez adultos e crianças, no Brasil e na Guiné-
03 Bissau, na Índia e na Nicarágua, descobrirem que Pedro não viu apenas com os olhos. Viu também
04 com a mente e se perguntou se uva é natureza ou cultura.

05 Pedro viu que a fruta não resulta do trabalho humano. É criação, é natureza. Paulo Freire
06 ensinou que semear uva é ação humana na e sobre a natureza. É a mão, multiferramenta,
07 despertando as potencialidades do fruto. Assim como o próprio ser humano foi semeado pela
08 natureza em anos e anos de evolução do Cosmo.

09 Colher a uva, esmagá-la e transformá-la em vinho é cultura, assinalou Paulo Freire. O
10 trabalho humaniza a natureza e, ao realiza-lo, o homem e a mulher se humaniza. Trabalho que
11 instaura o nó de relações, a vida social. Graças ao professor, que iniciou sua pedagogia
12 revolucionária com operários do SENAI de Pernambuco, Pedro viu também que a uva é colhida por
13 boias-frias, que ganham pouco, e comercializada por atravessadores, que ganham melhor.

14 Pedro aprendeu com Paulo que, mesmo sem ainda saber ler, ele não é uma pessoa
15 ignorante. Antes de aprender as letras, Pedro sabia erguer uma casa, tijolo a tijolo. O médico, o
16 advogado ou o cientista, com todo o seu estudo, não era capaz de construir como Pedro. Paulo Freire
17 ensinou a Pedro que não existe ninguém mais culto do que outro, existem culturais paralelas,
18 distintas que se complementam na vida social.

19 Pedro viu a uva e Paulo Freire mostrou-lhes os cachos, a plantação inteira. Ensinou a Pedro
20 que a leitura de um texto é tanto melhor compreendida quanto mais se insere o texto no contexto
21 do autor e do leitor. É dessa relação dialógica entre texto e contexto que Pedro extrai o pretexto
22 para agir. No início e no fim do aprendizado é a práxis de Pedro que importa. Práxis-teoria-práxis,
23 num processo indutivo que torna o educando sujeito histórico.

24 Pedro viu a uva e não viu a ave que, de cima, enxerga a parreira e não vê a uva. O que Pedro
25 vê é diferente do que vê a ave. Assim, Paulo Freire ensinou a Pedro um princípio fundamental da
26 epistemologia: a cabeça pensa onde os pés pisam. O mundo desigual pode ser lido pela ótica do
27 opressor ou pela ótica do oprimido. Resulta uma leitura tão diferente uma da outra como entre a
28 visão de Ptolomeu, ao imaginar-se com os pés no sol.

29 Agora Pedro vê a uva, a parreira e todas as relações sociais que fazem do fruto festa no
30 cálice do vinho, mas já não vê Paulo Freire, que mergulhou no Amor na manhã de 2 de maio. Deixar-
31 nos uma obra inestimável e um testemunho admirável de competência e coerência.

32 Paulo deveria estar em Cuba, onde receberei o título de Doutor Honoris Causa, da Universidade
33 de Havana. Ao sentir dolorido seu coração que tanto amou, pediu que eu fosse representá-lo. De
34 passagem marcada para Israel, não me foi possível atendê-lo. Contudo, antes de embarcar fui
rezar com Nita, sua mulher, e os filhos, em torno de seu semblante tranquilo: Paulo via Deus.

Texto publicado no jornal Folha de São Paulo em 3 de maio de 1997, um dia após a morte de Paulo Freire.

4.1 TIPOS DE DISCURSOS E RELAÇÕES DE SENTIDOS

A relação entre o que antecede e o que sucede à proposição – enunciado, discutiremos três ocorrências que Frei Betto faz emissão aos seguintes discursos: (1) Religioso; (2) Científico e (3) Luta de Classes.

Discurso religioso

Logo no início do texto na linha 5 o autor diz que *"a fruta não resulta do trabalho humano. É criação, é natureza"*. Através desse trecho podemos evidenciar que o autor faz referência a criação dos seres humanos e da natureza em uma perspectiva teológica, isto é, o autor transparece o discurso religioso ao relatar a possível crença da criação do planeta terra mediado por um Deus supremo que não resulta do trabalho humano.

O que deixa mais evidente a construção do sentido religioso são as últimas palavras do autor no final do texto, exatamente nas linhas 33 e 34, que diz: *"contudo, antes de embarcar fui rezar com Nita, sua mulher, e seus filhos, em torno do seu semblante tranquilo:" Paulo via a Deus"*. Nesse trecho como citamos anteriormente é evidente a construção no sentido religioso principalmente, pelo fato do autor utilizar as palavras *rezar* e *Deus*, deixando transparecer dessa maneira a crença em um Deus que cuida das almas dos que morrem o que é recorrente no discurso religioso.

Discurso Científico

Nas linhas 6 e 7, observamos a construção de outro discurso, neste caso, o científico; quando Frei Betto afirma o seguinte: *"assim o próprio ser humano foi semeado pela natureza em anos de evolução do cosmo"*, nesse trecho notamos que o autor evidencia por meio das palavras *evolução* e *cosmo* a construção do sentido científico, principalmente ao afirmar através da sua fala a crença na teoria da evolução das espécies.

Discurso das lutas de classes sociais

No decorrer do texto, Frei Betto se refere constantemente as desigualdades sociais presentes na sociedade em que estava inserido. Observe os seguintes trechos transcritos nas linhas 22, 24, 27 e 28: *"Pedro via a uva e não a ave"*; *"o mundo desigual pode ser lido pela ótica do opressor e do oprimido"*; agora *Pedro ver a uva, a parreira e todas as relações sociais que fazem da fruta festa no cálice do vinho*.

Nesses trechos, podemos notar que autor faz referência a uma sociedade extremamente desigual, opressora, na qual, cada indivíduo ver somente por um olhar limitado ao seu mundo, o que pode expressado através do trecho já citado, *Pedro viu a uva e não via a ave*, ficando evidentes as limitações que são impostas pela hierarquia social, bem como as desigualdades que permeiam a sociedade impossibilitando uma visão mais ampla do mundo ao seu redor. No quadro a seguir fizemos um resumo dos tipos de discurso apresentados:

Quadro 1: Tipos de discursos

Fontes	Citação
Discurso Religioso: criação do mundo	"a fruta não resulta do trabalho humano é criação é natureza".
Discurso Científico: evolução do cosmo	"assim o próprio ser humano foi semeado pela natureza em anos de evolução do cosmo".
Discurso das Lutas de Classes: desigualdades sociais.	"Pedro via a uva e não viu a ave".

O quadro acima como já foi dito anteriormente, apresenta um resumo dos tipos de discursos usados por Frei Betto para argumentar a favor da imagem de Paulo Freire, no tocante a sua vida como docente. Dessa forma, podemos concluir que as fontes sustentam a abertura e encerramento do discurso do autor.

4.2 SENTIDOS LINGUÍSTICOS E SENTIDOS DISCURSIVOS

No decorrer do texto analisado percebemos a presença tanto de sentidos linguísticos como dos sentidos discursivos, os quais contribuem para a construção do sentido central do texto. Os sentidos linguísticos podem ser evidenciados nas linhas 10 e 11 quando o autor assim discorre: "*graças as professor que iniciou sua pedagogia revolucionaria com operários do SENAI (Serviços Nacional de Aprendizagem Industrial) de Pernambuco*", o sentido desse trecho evidencia somente o que está escrito, dito de

outra forma, os signos e os significados sem partir para um sentido além do que é apresentado, haja vista que, Paulo Freire era de fato professor e pedagogo, trabalhou em função dos oprimidos e da formação política, sendo reconhecido pela sua prática educativa, a qual se baseava na utilização de objetivos comuns ao cotidiano dos discentes para fomentar a compreensão dos conteúdos. E que iniciou seu trabalho com a pedagogia revolucionária em Pernambuco como diz o trecho em destaque.

Outro trecho que podemos destacar com sentido linguístico está localizado nas linhas 15 e 16: "*o médico, o advogado ou dentista, com todo o seu estudo não era capaz de construí como Pedro*", nesse trecho é notório que Frei Betto está se referindo a capacidade de Pedro em construí casas com tijolos, cimento, terra e outros materiais mesmo não tendo frequentado a escola e concluído seus estudos como outros profissionais citados o que nos leva a concluir que o sentido construído nesse texto não remete a outros sentidos e dessa maneira consideramos apenas com o sentido linguístico.

Em contrapartida percebemos também que existem textos com sentido discursivos como pode ser visto através das linhas 3 e 4, que mostra o seguinte: "*... Pedro não viu apenas com os olhos. Viu também com a mente...*", nesse trecho, notamos que o sentido conotativo se encontra nas entrelinhas, ou seja, o que Frei Betto quer dizer ao se referi ao termo mente não diz respeito ao fato da mesma possuí olhos, entretanto, Pedro por meio da educação mediada por Paulo Freire passou a refletir questões relativas do mundo a seu redor, sobretudo no âmbito social. Evidenciando dessa maneira o sentido discursivo.

Destacamos ainda, outra passagem do texto que se encontra localizado na linha 22, na qual, o autor relatar o seguinte: "*Pedro viu a uva e não via a ave que de cima, enxergar parreira e não ver a uva*", a passagem não está se referindo a ave e uva literalmente, no entanto, como o próprio autor mostra no decorrer das linhas seguintes, os termos acima fazem referência as relações sociais evidenciando as divisões de classes através das quais cada indivíduo vê o mundo por sua própria perspectiva, o que nos leva a confirmar a presença do sentido discursivo nessa passagem.

4.3 OS MECANISMOS OPERADORES DA INTERTEXTUALIDADE E DA INTERDISCURSIVIDADE

Sabemos que intertextualidade de acordo com Guimarães (2012), “consiste em um processo de incorporação de um texto em outro texto, isto é, para reproduzir o sentido incorporado ou para transforma-los”. Podemos notar intertextualidade no texto quando o autor nas linhas 20 e 21 relata sobre práxis- teoria-práxis que remete aos textos do sociólogo Karl Marx.

Outro exemplo de intertextualidade presente no texto se encontra localizado na linha 25 e 26 quando Betto cita Ptolomeu, que se trata de um cientista que viveu na Alexandria, uma cidade do Egito, o qual realizou diversos trabalhos relacionados à matemática, astrologia, geografia e foi o criador de um sistema geométrico-numérico para descrever as movimentações no céu.

Concordando com Guimarães (2012), interdiscursividade pode ser identificada como a interação com dado discurso, uma memória discursiva que constitui um contexto global que envolve e condiciona atividades linguísticas. Dessa maneira, podemos identificar no texto por meio das linhas 30 e 31 a presença da interdiscursividade, principalmente quando o autor evoca o discurso das desigualdades sociais resultante de uma sociedade opressora e preconceituosa; na qual, concomitantemente um grupo de indivíduos é valorizado por status financeiro, enquanto, outro grupo é oprimido e desvalorizado. Este discurso não se prende a esse texto, mas, a diversos textos, pois constitui uma ideologia presente na sociedade que se estabeleceu no decorrer dos séculos.

No texto analisado, podemos ainda identificar a presença de alguns mecanismos operadores de intertextualidade e interdiscursividade; nas linhas 23 e 24 Frei Betto assim descreve: “*assim, Paulo Freire ensinou a Pedro um princípio fundamental da epistemologia: a cabeça pensa onde os pés pisam*”. Nessa passagem, o autor faz uma citação de um princípio fundamental da epistemologia para ancorar o seu discurso.

Mais adiante exatamente na linha 25 quando o autor cita o nome de Ptolomeu faz uma alusão aos estudos do mesmo em comparação ao que havia dito anteriormente em relação ao mundo desigual. No que concerne a estilização, notamos que o texto analisado se trata de um texto argumentativo em prosa escrito em terceira pessoa do singular e diz respeito a uma homenagem de Frei Betto a Paulo Freire um dia após a sua morte.

4.4 PAULO FREIRE: GRANDE PROFESSOR E REVOLUCIONÁRIO

Analisando o texto atentamente é notório que Frei Betto, Carlos Alberto Libânio Christo, escritor e religioso dominicano adepto da teologia da libertação, recebeu vários prêmios por sua atuação em prol dos direitos humanos e a favor dos movimentos populares, dentre eles o prêmio Jabuti em 1983. O texto começa retratando Pedro e sua observação em relação à uva na cartilha de alfabetização, o que funcionaria como texto encaixante para todo o discurso do autor, pois, a partir do exórdio até o término do texto, ele apresenta a diferente metodologia de Paulo Freire e seu trabalho como educador até o momento de sua morte.

A cada início de parágrafo, é como se autor gerasse num leitor uma indagação que vai ser respondida no decorrer da leitura. O primeiro parágrafo termina com uma indagação: "*se a uva era cultura ou natureza*", que motivou o autor a apresentar diversas explicações evidenciando o trabalho de Paulo Freire no contexto educacional.

No texto Paulo Freire é representado como um revolucionário e um grande educador que não limitou seu trabalho somente a ensino e escrever, em contrapartida ensinou sobre tudo os alunos a refletirem contribuindo para a construção de um pensamento político dos mesmos. Isso pode ser comprovado através das cinco categorias semânticas ou conceituais; para nossa análise da representação discursiva de Paulo Freire: referência, predicação, especulação, relação e localização, que caracterizamos a seguir:

A **referência** diz respeito àquilo que representamos quando usamos um termo ou uma situação discursiva referencial com tal finalidade. No exemplo a seguir destacamos os termos que referenciam:

Paulo Freire ensinou que semear é ação humana na e sobrea natureza. (linhas 5).

Predicação consiste na designação dos processos no sentido amplo como: ações, mudanças de estado, estados etc. Observe o exemplo a seguir:

Pedro viu a uva e Paulo Freire mostrou-lhes os cachos, a parreira, a plantação inteira. Ensinou a Pedro que a leitura de texto é tanto melhor compreendida quanto mais se insere o texto no contexto do autor e do leitor. (linhas 17,18 e 19).

Aspectualização diz respeito às características ou propriedades tanto do referente como dos predicados:

Pedro aprendeu com Paulo que mesmo sem saber ler, ele não é uma pessoa ignorante. Antes de aprender as letras, Pedro sabia erguer uma casa tijolo a tijolo. (linhas 13, 14 e 15).

Relação aqui entendida como dois processos distintos: a assimilação analógica e as ligações entre enunciados.

Assim, Paulo Freire ensinou a Pedro um princípio fundamental da epistemologia: a cabeça pesa onde os pés pisam. Um mundo pode ser lido pela ótica do opressor ou pela ótica do oprimido. Resulta uma leitura tão diferente uma da outra como entre a visão de Ptolomeu, ao imagina-se com os pés no sol. (linhas 23,24,25 e 26).

Agora Pedro vê a uva, a parreira e todas as relações sócias que fazem do fruto festa no cálice do vinho, mas já não vê Paulo Freire que mergulhou no amor na manhã de 2 de maio. Deixa-nos uma obra inestimável um testemunho admirável de competência e coerência. (linha 27, 28, 29 e 30)

E por fim, a **localização** se refere às circunstâncias espaço-temporais nas quais se desenvolvem os processos, bem como os participantes:

Mas o professor Paulo Freire, com seu método de alfabetizar conscientizando, fez adultos e crianças, no Brasil, na Guiné de Bissau na Índia e na Nicarágua, descobrirem que Pedro não viu apenas com os olhos. (linhas 1, 2, 3 e 4).

Graças ao professor, que iniciou sua pedagogia revolucionaria com operários do SENAI de Pernambuco, Pedro viu também que a uva é colhida por boias frias, que ganham pouco e comercializada por atravessadores, que ganham melhor. (linhas 10, 11 e 12).

Paulo deveria estar em Cuba onde, receberia o título de doutor Honoris Causa, da Universidade de Havana. Ao sentir dolorido que amou, que para que eu fosse representá-lo. De passagem marcada para Israel, não foi possível atendê-lo. Contudo, antes de embarcar foi rezar com Rita, sua mulher, e os seus filhos, em torno do seu semblante tranquilo: Paulo via a Deus. (linhas 30, 31,32,33 e 34).

De acordo com as categorias semânticas apresentadas e os trechos retidos do texto podemos perceber que Paulo Freire é representado discursivamente como um grande educador, professor e revolucionário do sistema educacional.

5 Considerações Finais

No texto analisado constatamos a presença recorrente de três tipos distintos de discursos, os quais são: religioso, científico, bem como o das lutas de classes sociais; observamos que no texto há presença de fatores de intertextualidade e interdiscursividade que contribuem para a compreensão do texto, ou seja, levando o leitor a ativar os conhecimentos prévios acerca das informações em torno do mundo.

Considerando a visão de Frei Betto demonstrada no texto analisado, Paulo Freire ensinava com amor a todos que desejassem adquirir o saber (conhecimento), sempre lutando por uma educação democrática, e assim, procurando sempre transmitir os conteúdos programados com um diferencial, isto é, correlacionados com o cotidiano dos alunos.

Por meio das categorias semânticas elencadas durante a análise identificamos que Paulo Freire é representado discursivamente como um grande professor, não somente no Brasil, mas em diversos países do mundo. Que sua pedagogia revolucionária consisti não no simples ato de ensinar a ler e escrever, no entanto, ultrapassa esse limite, possibilitando aos seus discentes a gênese e amadurecimento de um senso político e crítico, bem como uma visão ampla do mundo ao seu redor.

Referências

ALVES FILHO, Francisco. **Gêneros Jornalísticos**: notícia e carta de leitor no ensino fundamental. São Paulo: Cortez, 2011.

GUIMARÃES, Elisa. **Texto, Discurso e Ensino**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

KOCH, I. G.V. & TRAVAGLIA, L.C. **A coerência Textual**. São Paulo: Contexto, 1990.

KOCH, I. V. **O texto e a dos Sentidos**. São Paulo: Contexto, 2000.

KOCH, I. G.V. & TRAVAGLIA, L.C. Intencionalidade e aceitabilidade. In: **A coerência Textual**. 17 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MARI, H; MACHADO, I.L; MELO,R. **Análise do Discurso**: fundamentos e práticas. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2001.

MARCUSHI, L.A. **Linguística de Texto**: o que é e como se faz. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1983.

MUSSALIN, F. BENTES, A. C. **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras, v. II. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MUSSALIN, F. BENTES, A. C. **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**, v. I. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

RODRIGUES, M.G.S; NETO, J.G.S; PASSEGGI, L. **Análise Textuais e Discursivas**: metodologias e aplicações. São Paulo: Cortez, 2010.